

“O Alquimista” – H.P. Lovecraft**Tradução: Renato Suttana****Quem é Renato Suttana?**

Renato Suttana é doutor em Letras e professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados. É autor de *Visita do fantasma na noite* (poesia, 2002), *João Cabral de Melo Neto: o poeta e a voz da modernidade* (ensaio, 2005), *Bichos* (poesia, 2005), *Fim do verão* (poesia, 2009) e *Uma poética do deslimite: poema e imagem na obra de Manoel de Barros* (ensaio, 2009), além de outros publicados na Internet. Suttana também mantém seu site na web <http://www.arquivors.com>. Contatos com o tradutor podem ser feitos pelo email: rsuttana@arquivors.com

O ALQUIMISTA

No alto, coroando o topo gramado de um morro cujos flancos, próximo à base, são guarnecidos pelas árvores de galhos retorcidos da floresta primeva, situa-se o velho *chateau* de meus ancestrais. Durante séculos, suas ameias altíssimas têm vigiado a paisagem selvagem e irregular à sua volta, servindo de lar e de refúgio para a casa altiva cuja honorável linhagem é mais velha do que as muralhas do castelo que o musgo recobre. Essas torres antigas, batidas durante gerações inteiras pelas tempestades e que aos poucos vão cedendo à lenta mas incoercível pressão do tempo, compuseram na época do feudalismo uma das mais temidas e formidáveis fortalezas de toda a França. Das suas galerias, parapeitos e ameias, barões e condes e mesmo reis foram desafiados, sem que em seus largos vestíbulos jamais tivesse ressoado o som dos passos do invasor.

Mas, desde aqueles dias gloriosos, tudo mudou. Uma pobreza pouco mais que remediada, somada a um orgulho de casta que proíbe aliviá-la com recurso aos expedientes comerciais, impediu os descendentes de nossa casa de conservarem o antigo esplendor de suas propriedades; e o aspecto decadente dos muros, a vegetação crescida dos parques, o fosso seco e pedregoso, os pátios mal pavimentados, as torres arruinadas, bem como os pisos destruídos, os lambris carcomidos e as tapeçarias gastas, tudo conta a triste história de uma grandeza decadente. Enquanto as épocas passavam, primeiro uma, depois outra das quatro grandes torres desmoronou, até que finalmente restou apenas uma para abrigar os descendentes daqueles que um dia foram os poderosos senhores da propriedade.

Foi numa das câmaras amplas e depressivas dessa torre remanescente que eu, Antoine, o último dos infelizes e malditos condes de C***, vi pela primeira vez a luz do dia, há noventa longos anos. Entre estes muros e em meio às florestas negras e sombrias, às ravinas selvagens e às grutas da encosta abaixo, transcorreram os primeiros anos de minha tormentosa vida. Meus pais, eu nunca os conheci. Meu pai morreu quando tinha trinta e dois anos, um mês antes de eu nascer, atingido por uma pedra que de algum modo se desprendeu dos parapeitos desertos do castelo. E, tendo minha mãe morrido quando nasci, minha educação e minha formação ficaram a cargo do único serviçal que restou, um homem velho e fiel, de considerável inteligência, cujo nome – lembro-me – era Pierre. Sendo filho único, a falta de companhia que isso acarretou para mim foi acrescentada pelo cuidado estranho que meu velho protetor me dedicava, afastando-me dos filhos dos camponeses cujas moradias se espalhavam aqui e ali pelos plainos que rodeiam a base da colina. Naquele tempo, Pierre disse que tal restrição era imposta sobre mim porque minha ascendência nobre me colocava acima das associações com tão plebeia companhia. Agora sei que seu real objetivo era manter distante de meus ouvidos certas histórias acerca da temível

maldição que pende sobre nossa linhagem, histórias que eram contadas à noite e aumentadas pela raia miúda, entre sussurros à luz de suas lareiras.

Assim, isolado e deixado à própria sorte, passava eu as horas de minha infância debruçado sobre os velhos tomos que enchem a penumbrosa biblioteca do *chateau*, ou a perambular sem destino e sem propósito através das sombras perpétuas da mata espectral que circunda o lado da colina próximo à base. Foi talvez por um efeito de tais deambulações que minha mente adquiriu, muito cedo, certa tonalidade melancólica. Aqueles estudos e perquirições que se voltam para o que há de escuro e de oculto na natureza atraíram fortemente a minha atenção.

Sobre minha própria raça foi-me permitido aprender bem pouco. No entanto, por menor que fosse, tal conhecimento me oprimiu bastante. Talvez tenha sido no princípio apenas a relutância de meu velho preceptor em discutir comigo sobre minha ascendência paterna que deu origem ao terror que sempre senti à simples menção de minha grande casa, porém à medida que fui crescendo tornei-me capaz de ajuntar fragmentos esparsos de discurso, involuntariamente escapos de uma língua que a senilidade começava a trair, os quais tinham algum tipo de relação com certa circunstância que sempre considerei estranha, mas que logo se tornou sombria e terrível. A circunstância a que aludo é a idade precoce na qual todos os condes de minha linhagem encontraram o seu fim. Enquanto até então considerei isso como sendo apenas o atributo natural de uma família de homens que morriam jovens, ponderei depois, longamente, sobre essas mortes prematuras e comecei a conectá-las com as tresvariações do velho, o qual falava frequentemente de uma maldição que durante séculos fizera com que as vidas daqueles de quem herdei o título não excedessem o prazo dos trinta e dois anos. Quando fiz vinte e um anos, o idoso Pierre me entregou um documento de família que, segundo dizia, ao longo de muitas gerações tinha sido passado de pai para filho, continuando a sê-lo por cada possuidor. Seu conteúdo era de uma natureza absolutamente espantosa, e sua leitura confirmou as minhas mais graves apreensões. Por essa época, minha crença no sobrenatural era firme e bem assentada, caso contrário teria tratado com desdém a narrativa incrível que se desdobrou diante dos meus olhos.

O papel levou-me de volta aos dias do décimo terceiro século, quando o velho castelo onde eu morava fora uma fortaleza temida e inexpugnável. Falava de certo homem, muito velho, que um dia habitara em nossas propriedades, pessoa de não pequenas habilidades, embora se tratasse de pouco mais que um camponês, de nome Michel, comumente designado pelo sobrenome de Mauvais, o Mau, por conta de sua reputação sinistra. Tinha estudos superiores aos da sua casta, buscando tais coisas como a Pedra Filosofal e o Elixir da Vida Eterna, e sua reputação era grande como conhecedor de Magia Negra e Alquimia. Michel Mauvais tinha um único filho, Charles, um jovem tão hábil quanto o pai nas artes ocultas, e que por isso era chamado de Le Sorcier, ou o Mago. Esse par, evitado por toda a gente honesta, era suspeito das práticas mais infames. Dizia-se que o velho Michel tinha queimado viva a própria esposa, num sacrifício ao Demônio, e o desaparecimento inexplicável de muitos filhos pequenos de camponeses era atribuído aos umbrais temíveis desses dois. No entanto, através da natureza negra do pai e do filho, passava ainda assim um raio redentor de humanidade: o homem mau amava sua cria com enorme intensidade, enquanto o jovem nutria pelo pai uma mais que filial afeição.

Certa noite, o castelo mergulhou em grande confusão, com o desaparecimento do jovem Godfrey, filho de Henri, o conde. Um grupo de busca, liderado pelo pai em desespero, invadiu a cabana dos feiticeiros e caiu sobre o velho Michel Mauvais, que se achava ocupado em mexer um grande caldeirão fervente. Sem uma causa definida, na loucura desgovernada que vem da fúria e do desespero, o conde deitou as mãos no idoso mago e, antes mesmo que o libertasse, sua vítima já não mais respirava. Entrementes, alegres criados alardeavam que o jovem Godfrey tinha sido encontrado numa câmara distante e pouco utilizada do grande edifício, dizendo tarde demais que o velho Michel fora morto em vão. Enquanto o conde e seus seguidores se retiravam

da pobre habitação do alquimista, a figura de Charles Le Sorcier surgiu de entre as árvores. A tagarelice excitada dos caseiros informou-o logo do que ocorrera, mas ele não demonstrou a princípio nenhuma reação frente ao destino do pai. Só então, avançando lentamente para o conde, pronunciou num acento monótono e ao mesmo tempo terrível a maldição que para sempre assombraria a casa de C-:

*“Que nobre algum da tua estirpe matadora
Idade venha a ter mais do que tens agora.”*

Assim falou e, de repente, recuando em direção à mata, sacou de sua túnica um frasco contendo um líquido incolor que atirou contra a face do assassino de seu pai, para desaparecer em seguida em meio aos cortinados escuros da noite. O conde morreu sem dizer uma palavra, sendo enterrado no dia seguinte, com pouco mais do que trinta e dois anos contados a partir do seu nascimento. Nenhum vestígio do assassino foi encontrado, conquanto bandos incansáveis de camponeses tivessem batido toda a mata circundante e as campinas ao redor do monte.

Assim o tempo e a falta de algo que a recordasse sopitaram a memória da maldição nas mentes da família do conde, a tal ponto que, quando Godfrey, causa inocente de toda a tragédia e agora portador do título, foi morto por uma flecha, durante uma caçada, com a idade de trinta e dois anos, em nada se pensou a não ser na dor de seu desaparecimento. Porém, quando, anos mais tarde, o jovem conde seguinte, de nome Robert, foi encontrado morto sem causa aparente num campo próximo, os camponeses murmuraram que seu senhor mal tinha completado o trigésimo segundo aniversário quando a morte o surpreendeu. Louis, filho de Robert, se afogou no fosso com a mesma idade fatal, e assim a crônica ominosa prosseguiu ao longo dos séculos: Henris, Roberts, Antoinés e Armands, todos arrancados de suas vidas felizes e virtuosas com pouco menos idade que a do seu desafortunado ancestral que cometera o assassinato.

Que me restavam ainda, quando muito, sete anos de existência tornou-se uma certeza para mim quando li tais palavras. Minha vida, que até então tivera pouco valor, tornou-se para mim mais preciosa a cada dia que passava, ao mesmo tempo em que mergulhei mais e mais fundo nos mistérios do mundo oculto da magia negra. Isolado como eu vivia, a ciência moderna não produzira nenhuma impressão em mim, e lidava como se vivesse na Idade Média, tão ávido quanto o velho Michel e o jovem Charles da aquisição do saber demoníaco e alquímico. No entanto, por mais que lesse, não podia atinar com o estranho feitiço que pesava sobre minha linhagem. Em certos momentos de racionalidade incomum, eu poderia ir ao ponto de procurar uma explicação racional, atribuindo as mortes precoces de meus ancestrais ao sinistro Charles Le Sorcier e seus herdeiros. Contudo, tendo descoberto, após cuidadoso inquérito, que não havia descendentes conhecidos do alquimista, eu mergulharia de novo nos estudos ocultos e tentaria de novo encontrar um encantamento que pudesse livrar minha casa de seu terrível fardo. De uma única coisa, porém, estava certo: jamais me casaria, desde que, não havendo mais nenhum ramo vivo de minha família, eu poderia desse modo, em mim mesmo, dar fim à maldição.

Quando me aproximei da idade dos trinta, o velho Pierre partiu desta para a melhor. Sozinho, sepultei-o sob as pedras do pátio ao longo do qual ele amava perambular enquanto vivo. Assim, tomei consciência de ser a única criatura viva que ainda restava na grande fortaleza, e na solidão extrema minha mente começou a esmorecer em seu vão protesto contra o fado iminente, reconciliando-se quase com o destino que tinha sido o de muitos de meus ancestrais. Grande parte do meu tempo era agora empregada na exploração das salas e torres ruínas e abandonadas do velho *chateau*, que na juventude o medo me fizera evitar, e algumas das quais o velho Pierre me dissera não tinham sido pisadas por pés humanos por mais de quatro séculos. Estranhos e inquietantes eram muitos dos objetos que encontrei. Móvel coberta pela poeira das eras e desmanchando-se na umidade dos anos caía-me sob os olhos. Teias de aranha numa

profusão que eu jamais vira antes se estendiam por toda parte, e enormes morcegos batiam suas asas ossudas e agourentas por todos os cantos naquele sombrio abandono.

De minha idade exata – incluindo-se dias e horas – eu mantinha a mais estrita conta, pois cada movimento do pêndulo do relógio maciço na biblioteca soava como uma intimação em minha existência condenada. Por fim me aproximei daquele dia que tão longamente eu aguardara com apreensão. Desde que muitos de meus ancestrais foram apanhados pouco antes de completarem a idade com a qual o conde Henri encontrara seu fim, eu permanecia a cada instante à espera da morte desconhecida. De que estranha forma a maldição me levaria eu não podia saber. Mas havia decidido que não encontraria em mim uma vítima covarde ou passiva. Com renovado vigor, apliquei-me ao exame do velho *chateau* e do que havia nele.

Foi durante uma de minhas mais longas excursões de descobrimento pela porção deserta do castelo, menos de uma semana antes da hora fatal que marcaria o limite extremo de minha estada na terra, para além do qual eu não tinha a mais ligeira esperança de continuar a respirar, que me deparei com o evento culminante de toda a minha vida. Tinha passado a melhor parte da manhã subindo e descendo lances de escada semi-arruinados numa das torres mais dilapidadas. Quando a tarde avançou, busquei os níveis inferiores, descendo em direção ao que parecia ser um lugar medieval de confinamento ou um depósito para pólvora mais recentemente escavado. Enquanto eu atravessava lentamente o corredor cujas paredes exalavam a nitrato, próximo ao pé da última escada o piso tornou-se bastante úmido, e logo vi, pela luz vacilante de minha tocha, que uma parede nua, manchada pela umidade, impedia a passagem. Voltando sobre meus passos, dei com os olhos num pequeno alçapão com uma argola, o qual jazia bem embaixo dos meus pés. Parando, consegui erguê-lo com certa dificuldade, após o que uma abertura estreita se revelou, da qual exalavam emanções nocivas que fizeram crepitar a chama da tocha, revelando ao clarão mais forte o topo de um lanço de degraus de pedra.

Tão logo a tocha que introduzi nas profunduras repulsivas ardeu livre e vivamente, comecei a descer. Os degraus eram muitos e conduziam a um corredor calçado de pedras que eu sabia devia levar ao subsolo mais embaixo. Esse corredor pareceu-me de grande extensão, terminando numa porta maciça de carvalho, sobre a qual a umidade do lugar escorria em gotas e que resistiu energicamente às minhas tentativas de abri-la. Cessando, depois de algum tempo, meus esforços nesse sentido, recuei alguns passos rumo aos degraus, e então subitamente experimentei um dos mais profundos e enlouquecedores choques que uma mente humana é capaz de receber. Sem nenhum aviso, ouvi ranger a porta atrás de mim, sobre os mancais enferrujados, abrindo-se devagar. Seria impossível analisar as minhas sensações imediatas. Confrontar-me num lugar tão completamente deserto quanto eu supunha ser o velho castelo com a evidência da presença de homem ou espírito produziu em meu cérebro um horror da mais aguda qualidade. Quando, por fim, me voltei e olhei para o local de onde vinha o som, meus olhos devem ter saltado das órbitas frente à imagem do que viram.

Ali, no corredor antigo, gótico, estava uma figura humana. Era a figura de um homem trajando um gorro e uma longa túnica medieval de cor escura. Seus cabelos longos e sua barba ondulante eram de uma tonalidade azul, intensa e terrível, e de uma profusão incrível. Sua testa, muito mais alta do que as dimensões usuais, suas faces, profundas e densamente sulcadas de rugas, e suas mãos longas e retorcidas, em forma de garras, eram de uma brancura marmórea, mortíça, como jamais vi em homem nenhum. Seu vulto, tão delgado quanto um esqueleto, curvava-se e quase se perdia por entre as dobras volumosas de sua peculiar indumentária. Mas o mais estranho eram os seus olhos, duas cavernas de pretume abismal, profundos na expressão do entendimento, porém inumanos no grau da malignidade. Fixavam-se sobre mim, perfurando minha alma com o seu ódio e prendendo-me ao lugar onde eu me encontrava.

Por fim, a figura falou numa voz trovejante cuja monotonia oca e malevolência latente me fizeram gelar. A linguagem em que o discurso se desdobrou era aquela forma deteriorada de latim que foi comum entre os homens instruídos da Idade Média e que se me tornou familiar em minhas pesquisas nas obras dos antigos alquimistas e demonólogos. A aparição falou da maldição que pendia sobre minha casa, falou-me de meu fim próximo, aludiu ao crime perpetrado por meu ancestral contra o velho Michel Mauvais e se demorou em discorrer sobre a vingança de Charles Le Sorcier. Falou-me de como Charles escapara em direção à noite, retornando mais tarde para matar Godfrey, o herdeiro, com uma flecha, quando se aproximou o dia em que este completaria a idade que o seu pai tinha na época do assassinato. Falou de como retornara à propriedade e se estabelecera, incógnito, na câmara subterrânea já naquela época deserta, cujo vestíbulo agora emoldurava o vulto medonho do narrador; falou de como apanhara Robert, filho de Godfrey, num campo, e metera veneno em sua garganta, e o deixara para morrer na idade de trinta e dois, mantendo assim as infames previsões de sua maldição vingativa. Nesse ponto, ficou a meu encargo imaginar a solução do maior de todos os mistérios, isto é, o modo como a maldição tinha sido cumprida desde o tempo em que Charles Le Sorcier, segundo a natureza, deveria ter morrido, já que o homem entrou em digressões acerca dos profundos estudos alquímicos dos dois magos, pai e filho, discorrendo mais particularmente sobre as pesquisas de Charles Le Sorcier quanto ao elixir que garantiria vida e juventude eterna a quem dele bebesse.

Seu entusiasmo pareceu expulsar, por um momento, de seus olhos a negra malevolência que tanto me perturbara no princípio; porém de repente o brilho feérico retornou e, com um som chocante parecido ao cicio de uma serpente, o estranho ergueu um frasco de vidro com o intuito evidente de dar fim à minha vida, tal como Charles Le Sorcier, há seiscentos anos, liquidara com a do meu ancestral. Alertado por algum instinto de autopreservação e autodefesa, quebrei o feitiço que tinha me mantido imóvel desde então e assestei a tocha quase apagada contra a criatura que ameaçava minha existência. Ouvi o frasco quebrar-se de modo inofensivo contra as pedras do corredor, enquanto a túnica do estranho pegava fogo e iluminava a horrível cena com uma radiância fantasmal. O grito de pavor e malícia impotente emitido pelo quase assassino pareceu demais para os meus nervos, já mais que abalados, e tombei de bruços sobre o piso lodoso, num completo desmaio.

Quando, por fim, meus sentidos retornaram, tudo jazia imerso numa escuridão amedrontadora, e minha mente, lembrando-se do ocorrido, recuava frente a ideia de descobrir o que quer que fosse, porém a curiosidade prevaleceu. Quem, perguntei-me, era esse homem do mal, e como teria penetrado no castelo? Por que procuraria vingar a morte de Michel Mauvais e como a maldição teria sido efetivada ao longo de séculos, desde o tempo de Charles Le Sorcier? A ameaça dos anos fora retirada de sobre meus ombros, pois eu sabia que aquele a quem eu tinha vencido era a fonte de todo o perigo que me ameaçava devido à maldição. E, agora que estava livre, ardia no desejo de saber mais acerca da coisa sinistra que tinha assombrado minha linhagem durante séculos e que fizera de minha própria juventude um longo e contínuo pesadelo. Determinado a fazer maiores explorações, saquei do bolso uma pedra e um objeto metálico e acendi a tocha ainda não utilizada que trazia comigo.

Primeiramente, a luz revelou a forma distorcida e negra do estranho misterioso. Os olhos horrendos estavam fechados agora. Fugindo à visão, desviei-me e entrei na câmara que havia para além da porta gótica. Encontrei lá o que parecia ser um laboratório de alquimista. Num dos cantos havia um monte de metal amarelo e reluzente que faiscou fantasticamente à luz da tocha. Talvez fosse ouro, mas não parei para examinar, pois me achava estranhamente afetado por tudo o que me ocorrera. Ao fundo do cômodo havia uma abertura que dava para uma das ravinas selvagens da floresta negra ao pé da colina. Cheio de espanto, mas conhecendo já o modo como o homem obtivera acesso ao *chateau*, retrocedi. Intentara passar pelo que restou do estranho sem

lhe voltar a face, mas, quando me aproximei do corpo, pareceu-me emanar dele um ruído débil, tal como se a vida não se tivesse extinguido de todo. Atônito, voltei-me para examinar a figura carbonizada e encarquilhada que jazia sobre o piso.

Então, de súbito, os horríveis olhos, mais negros até do que a face requeimada em que se incrustavam, abriram-se numa expressão que eu não soube interpretar. Os lábios arruinados tentaram articular palavras incompreensíveis. Em dado momento, captei o nome de Charles Le Sorcier, e novamente tive a impressão de que as palavras “anos” e “maldição” brotavam da boca contorcida. No entanto ainda não havia como atinar com o sentido de seu discurso desconexo. Frente à minha evidente ignorância quanto ao significado, os olhos de breu, mais uma vez, me fuzilaram malignamente, a ponto de que, mesmo reconhecendo a completa impotência de meu oponente, estremei ao olhar para ele.

De repente, aquele resto, animado por um último ímpeto de força, levantou sua lamentável cabeça do piso úmido e lodoso. Por fim, como eu não me movesse, paralisado de medo, consegui falar e, no seu derradeiro sopro, gritou estas palavras que desde então têm assombrado todos os meus dias e as minhas noites. “Tolo!”, berrou, “Não consegue adivinhar meu segredo? Não tem cérebro para reconhecer a vontade que durante séculos levou a cabo a terrível maldição contra a casa? Não lhe falei a respeito do elixir da vida eterna? Não sabe como o segredo da Alquimia foi resolvido? Já lhe digo: fui eu! eu! eu! que vivi por seiscentos anos para conduzir minha vingança – pois sou Charles Le Sorcier!”